

A Coluna do Kina

A SÍNDROME DE QUASÍMODO

The Quasimodo syndrome

Sidney Kina

“Não tentaremos dar ao leitor uma ideia desse nariz tetraédrico, dessa boca recurva como uma ferradura; desse pequenino olho esquerdo obstruído por uma sobranceira ruiva e áspera como tojo, enquanto o olho direito desaparecia completamente sob a enorme verruga, dessa dentadura desordenada, aqui e além brechada, como as ameias de um forte; desse lábio caloso, por sobre o qual avança um desses dentes como uma presa de elefante; desse queixo fendido; e principalmente da fisionomia diluída sobre tudo isto; desse misto de malícia, de estranheza ou de mágoa [...] Uma cabeça gigantesca, erriçada de uma cabeleira ruiva; entre os dois ombros uma bossa enorme que, com o movimento, fazia vulto por diante; um sistema de coxas e pernas tão singularmente descambadas que apenas se podiam aproximar pelos joelhos e que, vistas de frente, pareciam duas lâminas recurvas de foice, unidas pelo cabo; pés largos, mãos monstruosas [...] Dir-se-ia um gigante despedaçado e inabilmente recomposto.”

Esta é a descrição do personagem Quasímodo, do romance “Notre Dame de Paris”, popularmente conhecido como “O Corcunda de Notre Dame”, de autoria do romancista francês Victor Hugo, publicado em 1831. Personagem dos mais conhecidos mundialmente, Quasímodo é retratado e construído com riqueza, um personagem denso e, como percebido, uma figura deformada, significativamente feia. Tal sua projeção que, “quasímodo”, em sentido figurado, é termo usado para designar uma pessoa malformada, disforme e desproporcional fisicamente. Empresta também seu nome para uma desordem psicológica pouco conhecida, descrita como transtorno dismórfico corporal, dismorfofobia, síndrome da distorção da imagem ou “síndrome de Quasímodo”. Caracterizado pela preocupação extrema com a própria aparência e, principalmente, associado a uma intensa insatisfação por ela, esse transtorno da “feiura imaginária” afeta a percepção e traz preocupações irracionais sobre problemas estéticos que podem ou não existir. A pessoa com a síndrome de Quasímodo passa a ter uma autoimagem distorcida e se enxerga muito diferente do que realmente é, o que leva a uma insatisfação excessiva com a aparência e a um sofrimento significativo causado pela distorção

na própria imagem, geralmente resultando em quadro depressivo, acompanhado de uma fobia social, transtornos psicóticos e, o mais grave, uma ideação suicida. A ideia de que o corpo está fora dos padrões aceitáveis pela sociedade aparece de modo persistente, invasivo, e impede que a pessoa controle seus pensamentos e tenha consciência de que tal percepção não é real, e o ritual de olhar-se no espelho torna-se uma espécie de compulsão, pois a pessoa precisa certificar-se constantemente de que seus “traços disformes” não aumentaram.

Descrita em 1891 por médico psiquiatra italiano,¹ a síndrome de Quasímodo é caracterizada como uma desordem somatomorfológica, e sua causa ainda não é totalmente conhecida. Muitos psiquiatras a consideram um subtipo do distúrbio obsessivo-compulsivo, isso porque há uma obsessão pela autoimagem, que gera uma visão afetada e distorcida. Comumente, suas primeiras manifestações ocorrem na adolescência, muito embora possam aparecer em qualquer fase da vida, com incidência igual em homens e mulheres. Atualmente, estima-se que apenas cerca de 1,2% da população mundial sofra da síndrome, entretanto uma pesquisa realizada na Universidade de São Paulo com 350 entrevistados concluiu que 14% das pessoas que já fizeram ou pensam em fazer alguma intervenção estética sofram desse transtorno² – um resultado previsível, tanto quanto temível. Tristes e deprimidos, vestidos por sua visão deformada, se veem gordos demais (anorexia?), fracos demais (vigorexia?), enrugados demais, manchados demais, assimétricos demais... quasímodos, à procura de soluções nas diferentes clínicas de estética e cosmiaatria. É certo que vivemos sob a “ditadura da beleza”, e todos conhecemos pacientes perfeccionistas, que cobram detalhes de modo exagerado, porém o dismorfofóbico apresenta uma patologia psicológica, e sua insatisfação é compulsiva. É nessa encruzilhada que se enreda a armadilha, pois se torna muito difícil num exame rotineiro diagnosticar a queixa real da imaginária, e diferenciar o paciente com extrema vaidade do paciente patológico. De plástica em plástica, de cosmética em cosmética, de faceta em faceta, nunca felizes com a aparência, tornam vítimas – tanto quanto eles o são – os diferentes profissionais

que procuram. Segundo pesquisadores,³ 91% dos pacientes com a síndrome submetidos a tratamentos estéticos saíram completamente insatisfeitos com os resultados obtidos, e, lógico, não poderia ser diferente. Especula-se que o caso mais notório da síndrome de Quasímodo tenha sido o *pop star* Michael Jackson (1958-2009), o qual, numa constante luta com a própria autoimagem, pode ter passado a vida em luta contra um quasímodo imaginário.

É preciso ficar atento a esses pacientes, pois é certo que nós dentistas também estamos sendo visitados por eles. Estudiosos do assunto temem que a síndrome de Quasímodo vire o “novo *hit*” entre as doenças da moda, reflexo dessa onda ideológica estética, em que o *status quo* impõe a ditadura da beleza. Pacientes necessitam o diagnóstico correto, especial orientação e apoio psicológico, antes de qualquer intervenção ou tratamento estético. Afinal, lembre-se: “A beleza é composta de partes iguais de carne e imaginação: nós a impregnamos de nossos sonhos, a saturamos de nossos anseios”.⁴

Fique atento.

REFERÊNCIAS

1. Morselli E. Sulla dismofobia e sulla tafefobia. Bolletino Della R Accademia Di Genova. 1891;6:110-9.
2. Conrado LA, Cordás TA. Transtorno dismórfico corporal. In: Gentil V, Gattaz W, Miguel EC, organizadores. Clínica psiquiátrica. São Paulo: Manole; 2011. p. 872-92.
3. Crerand CE, Franklin ME, Sarwer DB. Body dysmorphic disorder and cosmetic surgery. *Plast Reconstr Surg*. 2006;118(7):167e-80e.
4. Etcoff N. A lei do mais belo: a ciência da beleza. Rio de Janeiro: Objetiva; 1999.



Sidney Kina
Cirurgião-dentista, Maringá, Paraná
www.sidneykina.com.br



The Hunchback of Notre Dame (1939).